

Trabalho na sociedade pós-industrial

Professores coordenadores e professores da parte diversificada do currículo do Ensino Médio assistiram na videoconferência “O trabalho no Brasil e no mundo” a comparação de Guiomar Namó de Mello entre “o que era, o que é e o que será” o mercado de trabalho, para o qual os professores estão preparando os seus alunos para enfrentar.

Ao dar boas vindas à conferencista, a professora Maria Aparecida Magnani, gestora do projeto *Apoio à Continuidade de Estudos* apresentou Guiomar Namó de Mello, especializada em Orientação Educacional, consultora da proposta curricular, com mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutorado em Educação Comparada pelo Instituto de Educação da Universidade de Londres – Inglaterra. É autora de vários livros e artigos sobre Educação.

Guiomar abriu a conferência dizendo que “o tema não tem respostas definitivas, mas que até por isso é preciso debater sobre ele”. Colocou ainda que o assunto deve ser analisado sob a ótica da sociedade pós-industrial e explica: “As funções da base da pirâmide, estão sendo substituídas por processos de automação e racionalização da mão de obra, a partir da absorção de tecnologias. Este estreitamento nos leva a repensar, do ponto de vista das políticas públicas, as alternativas que esta população de estudantes terá.” “Considero que a educação básica é o primeiro passo para que essa população (estudantes concluintes do Ensino Médio) possa assumir outros tipos de funções na sociedade.”

Para fundamentar a análise que faz do mercado de trabalho, ela cita alguns fatos: em primeiro lugar: “A revolução industrial que o mundo viveu com a fabricação de bens duráveis (eletrodomésticos, automóveis etc) bens de produção (tratores, implementos agrícolas etc) tende a envolver cada vez menos gente. Por outro lado, são necessárias cada vez mais pessoas na área de serviços.” Em segundo: “Grandes corporações terceirizaram uma série de funções que não fazem parte (eu diria) do DNA de suas atividades”. E, em terceiro: “O fenômeno da globalização, segundo ela, está separando investimento, trabalho, produção e consumo.” Para este último ela dá um exemplo: “Hoje é possível se comprar no Brasil um tênis, com desenho italiano, fabricado em Cingapura ou China e que é de uma marca norte-americana.”

Massa cinzenta em estado puro

Segundo o redesenho do mercado de trabalho apresentado por Guiomar Namó de Mello, “muito provavelmente boa parte das pessoas que estão na escola

hoje terão diante de si, um mundo completamente diferente do que o de seus pais. Carreiras clássicas darão lugar às carreiras que lidam com a cultura, às profissões que trazem bem-estar às pessoas.”

Ao mostrar as alterações no mundo do trabalho, Guiomar elenca alguns contrapontos: “Muito diferente da sociedade industrial - quando a matéria era importante - na sociedade atual, pela revolução tecnológica, o material, fisicamente falando, já não é. O que faz a diferença é o conhecimento. O chip atual é massa cinzenta em estado puro. Já não é mais importante saber apertar o parafuso, as pessoas têm que entender a engrenagem inteira”.

De acordo com Guiomar, para atender este mercado de trabalho que se configura, o aluno vai precisar de competências cognitivas superiores, que estão estreitamente relacionadas com o processo de escolarização formal diferenciado, no qual “aprende a pensar”, a lidar com a informação e dar sentido a ela. Entre as competências, cita: “a capacidade de abstrair, de extrapolar e de elaborar raciocínio espacial-verbal”.

Um mundo de incertezas

“Do ponto de vista político, o mundo deixa de ser polar” – considera Guiomar. “E como a gente vai viver num mundo onde o poder será mutável, ou seja, a incerteza política terá como contrapartida a incerteza econômica?” – pergunta. Não há respostas claras, é o que se conclui com suas explicações: “A era bipolar passou, simbolicamente representada pela queda do mundo de Berlim. Talvez tenhamos superado a era dos grandes impérios passando para um mundo sem um grande foco de poder. Mas, a história não tem fim, surpresas pode acontecer.”

No contraponto das incertezas, Guiomar arrola efeitos combinados para explicar o novo cenário: “A realidade física, pesada dá lugar ao virtual, à leveza. A sociedade do espetáculo é substituída pela realidade do conhecimento. Os primeiro e segundo setores da economia passam a sua importância para o terceiro setor (setor autônomo, composto por ONGs – Organizações Não Governamentais), com capacidade de informação para o bem ou para o mal. Razão e poder assumem nova categoria em, intuição e negociação. O masculino - inteligência racional cede para o feminino - inteligência emocional”. E resumindo a idéia, coloca que “esse mundo pós-industrial será o mundo da sustentabilidade. Existe um planeta que está pedindo uma cidadania planetária.”

Mudança de paradigma: o padrão será não ter padrão

Propondo-se a fazer uma futurologia, Guiomar faz as seguintes previsões: “70% das carreiras que serão importantes em 20/30 anos, ainda não existem. Mudar de carreira será padrão. Pessoas mudarão pelo menos duas vezes de carreira. A maioria das competências que o profissional tiver no início da carreira, no final da sua vida profissional já estará obsoleta. O conhecimento registrado no mundo dobrará a cada 73 dias (hoje isso acontece a cada cinco anos).”

De acordo com o exposto Guiomar conclui: “Portanto, qualquer intenção de transmitir muito conhecimento para os nossos alunos, está fora de questão. Ou damos aos alunos meios para que eles busquem o conhecimento, ou a escola não poderá dar conta desta tarefa.”

Segundo a antevisão de Guiomar “o pensamento sistêmico, consagrado pela ecologia, será tão ou mais importante do que o pensamento analítico, consagrado pelo paradigma científico tradicional.” Com relação ao binômio nacional/internacional acredita que ele será “totalmente substituído pelo local/global,” que explica com a frase do grupo ativista *Greenpeace*: “pense globalmente e atue localmente.” E com relação ao local de trabalho, imagina que “a maior parte da mão-de-obra terá migrado das grandes para as pequenas corporações e destas para as empresas-pessoas.”

Para a comparação entre o passado e o futuro do trabalho Guiomar confronta o que foi com o que será: “A produção em massa padronizada se tornará flexível e customizada, ou seja, adaptada ao gosto do cliente. Do controle centralizado se passará ao descentralizado. O controle de qualidade feito ao final do processo de produção será desenvolvido ao longo dele. A fragmentação de tarefas dará lugar ao trabalho realizado por equipes multicompetentes, formadas por trabalhadores polivalentes. A autoridade na supervisão passará à autoridade no trabalhador. De trabalhadores com qualificações mínimas, se passará a exigir profissionais com altas qualificações. De treinamentos mínimos iniciais haverá treinamentos permanentes. Sempre que surgir uma situação nova, haverá novo treinamento. O progresso na carreira não se dará por antiguidade, mas por mérito.”

O que o mercado está pedindo

Segundo analisa Guiomar o mercado está pedindo à escola para ensinar o “saber como” e o “saber por que” e propõe quatro competências e três de fundamentos, para que os alunos possam fazer frente à sociedade pós-industrial. As competências são: 1. Saber utilizar recursos: dinheiro, tempo, materiais, espaço e pessoas. 2. Relacionar-se: trabalhar em grupo, conviver com a diversidade, ensinar, liderar, servir e, principalmente, negociar. 3. Usar

o computador e outros recursos informáticos para acessar, processar, organizar e comunicar informações. 4. Compreender, planejar e aperfeiçoar organizações e sistemas sociais complexos. Os fundamentos: 1. Básicas: competências de leitura, escrita e matemática. Saber ouvir, ler, escrever e falar (bom leitor e bom produtor de textos). 2. Cognitivas: pensar criativamente, tomar decisões, resolver problemas, saber aprender, abstrair e raciocinar, inventar, conceber inovações. 3. Pessoais: responsabilidade, auto-estima, sociabilidade, autonomia e integridade.

Com essas colocações, que classificou como “básicas” para fazer frente à sociedade pós-industrial, Guiomar encerrou a conferência reafirmando que “o mundo será incerto. Teremos que ensinar nossos alunos a decidir na incerteza e se programar na vida para dirigir a si mesmos no mercado de trabalho. Ao optar por um caminho que não está bom, analisar como mudar, reciclar e se atualizar sempre.”

A videoconferência sobre trabalho faz parte do curso *Grandes temas da atualidade*, que terá como próximo tema “A reforma ortográfica”, antes do encerramento, programado para acontecer na primeira quinzena de novembro.